

## FORMAR EDUCADORES NA SOCIEDADE COMPLEXA: DESAFIOS DA UNIVERSIDADE A PARTIR DESTE SÉCULO

Marcio Luís Marangon\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios da Universidade em formar educadores frente as características da sociedade contemporânea. Para isso aborda, em três partes, a caracterização da sociedade contemporânea e sua própria complexidade, as características dos educandos que se desenvolvem em meio a esta sociedade e, o que se espera da Universidade em relação a formação dos novos educadores, estes, que precisam dar conta dos novos desafios da educação e tem como missão orientar os indivíduos para a renovação do mundo.

**Palavras-chave:** Formação, educadores, Sociedades complexas

Na disputa entre humanização e capitalismo um “empurra-empurra” marca o processo de formação de educadores no Brasil nos últimos tempos: de um lado o governo<sup>1</sup> insistindo que os futuros educadores não têm formação prática o suficiente, por isso, deseja aumentar o tempo das disciplinas práticas e dos estágios. De outro, as universidades tentando demonstrar que falta justamente preparação teórica sobre a didática para que os novos educadores possam adaptar-se as mudanças do mundo, tendo também, a possibilidade de intervir e modificar os quadros apresentados pelos educandos.

De certa forma ambos os lados tem razão, afinal, não é equivocado imaginar que quanto maior for a quantidade de práticas de ensino, melhor será a adaptação para os novos educadores no processo didático cotidiano. Da mesma maneira, as universidades também tem razão quando buscam demonstrar que o tempo de formação teórica atual não é suficiente, pois, os novos acadêmicos provém de uma formação insatisfatória no Ensino Médio, não conseguindo aproveitar os espaços de formação de maneira devida ocasionando as lacunas apontadas pelo Estado.

Ao mesmo tempo, ambos os lados pecam em seus dogmas: o mesmo Estado que cobra qualidade do Ensino das Universidades é o que permite que universidades com qualidade mediana, ou duvidosa, diplomem educadores sem as condições necessárias para educar. Também ignora os investimentos insuficientes no Ensino Médio, sendo conivente com a remuneração deficitária dos educadores e com as precárias condições de trabalho dos mesmos: muitas escolas convivem com mínimas condições de ensino, não tendo sequer uma biblioteca adequada, um laboratório e uma sala de informática - instrumentos importantíssimos para o desenvolvimento da pesquisa. Algumas escolas sequer possuem condições mínimas de higiene.

---

\* Doutorando em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Contato: mlmarangon@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> Através do parecer da CNE 2/2015, item 2.3.1

O Estado também ignora que estas péssimas condições de trabalho e remuneração, somadas ao descaso quanto as contínuas agressões físicas e verbais à professores por parte de alunos e pais de alunos, “espantam” muitos educandos do Ensino Médio que teriam potencial para ser bons profissionais da educação. Diante de tais situações, é grande a porcentagem de pretendentes à profissão de educador que preferem a indústria ou o comércio a padecer frente as promessas governamentais.

Por outro lado, muitas universidades também pecam por insistir em currículos com ênfase na didática e com reduzidas pesquisas de campo. Desta maneira, distanciam-se da realidade atual das escolas e da educação, o que gera uma formação defasada dos educadores que são diplomados entre seus muros, por criar uma visão superficial dos problemas: educadores formados nestas universidades tornam-se bons “executivos<sup>2</sup>”, mas não são bons entendedores do processo de formação.

O que fazer? Esta é a pergunta a ser respondida neste momento, principalmente pelas universidades. Digo “principalmente” por que sabe-se que da parte do Estado será difícil reverter situações colocadas, dado que, o mesmo flexiona-se frente ao mercado econômico com suas metas (quantitativas) de dados e números, o que o impede de fazer um reflexão mais aprofundada da situação. Assim, cabe à universidade se reinventar frente aos novos problemas, buscando uma formação que possibilite aos acadêmicos perceber quais são as nuances a serem combatidas na atualidade e como eles podem ser combatidos, ou, de que maneira pode-se abordá-los reflexivamente para a construção de alternativas.

A partir disso, este artigo irá abordar sobre os desafios da universidade na sociedade complexa contemporânea, iniciando pelo desafio de diferenciar a sociedade complexa atual de outras sociedades complexas, partindo em seguida para uma análise da mudança em relação a sociedade e as bases dos educandos à serem formados na atualidade e, terminando com apontamentos sobre os desafios atuais em relação a formação de educadores para atender estas novas características, da sociedade e dos educandos.

### **Sociedades complexas: um mundo niilista e célere<sup>3</sup>**

---

<sup>2</sup> No sentido que podem executar bem um projeto já estipulado, com livros e materiais didáticos pré-definidos, ou seja, meros monitores para aplicação de “apostilados”.

<sup>3</sup> Parte deste título faz parte de um trabalho apresentado no SENAFE/2012, estando presente nos anais do evento sob o título: “A formação na sociedade complexa e o papel da filosofia no desenvolvimento de uma educação crítica e humanizadora”.

O que faz de uma sociedade algo complexo? Guareschi (2009, p.72), nos diz que “uma sociedade vista a partir das relações é, portanto, algo complexo e dinâmico, algo em contínua ebulição”. Esta premissa leva em conta que é na sociedade que nossas crianças e jovens vão recebendo cargas culturais, e assim vão constituindo suas identidades, formatando-se e possivelmente desenhando o que serão as futuras gerações, em outras palavras: “produzimos a sociedade que nos produz” (MORIN, 1999, p.89). Nesta primeira parte desejo abordar o tema da complexidade, buscando apontar quais as diferenças desta sociedade para as demais épocas para posteriormente perceber quais são as consequências desta sociedade nos educandos de “amanhã”.

Em sentido etimológico, a palavra “*complexo*”, pode ser relacionada tanto à “*complexus*” (aquilo que se tece junto), como à “*complex*” (algo com muitas dobras), e se faz de grande valia para explicar aquilo que se denomina sociedade, do latim *societas*, (associação amistosa com outros), podendo relacionar-se à *socius*, ou companheiro (na Roma antiga *companiono, cum+panis*), aquele com quem se reparte o pão.

Estas palavras, quando juntas, constituem uma afirmação muito usada entre os pensadores contemporâneos: sociedade complexa. Não que este seja um termo novo, nem que ele queira representar algo novo, entretanto, nunca foi tão forte a sensação de que a sociedade se faz cada vez mais cheia de relações, e ao mesmo tempo cheia de dobras. Desta forma, em uma tentativa de sintetizar o significado de sociedades complexas contemporâneas, poder-se-ia dizer que:

As sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos sociais diferenciados. A própria natureza da complexidade moderna está indissolivelmente associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através de migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura e da comunicação de massas (VELHO, 1999, p. 38)

Como se vê, a interação social é um dos aspectos que definem a complexidade da sociedade, e atualmente se dá de modo acelerado e globalizado, ajudada pela ascensão da ciência e da tecnologia, bem como pelo aperfeiçoamento dos meios de transporte e dos meios de comunicação, desenhando um mundo cada vez mais interligado.

Possivelmente há algumas centenas de anos, nem mesmo as mentes mais positivas, conseguiriam antever os impressionantes feitos que se desenvolveriam nas áreas tecnocientíficas, ou que a sociedade imergiria em uma rede de consumo insaciável - mais

visivelmente após a segunda guerra mundial-, chegando aos patamares que se pode vislumbrar na atualidade (KAPLAN, 1998).

A transformação é tamanha que as rápidas e bruscas mudanças dos últimos anos não oportunizaram tempo suficiente de compreensão aos indivíduos, o que já aponta para um processo de decadência de valores e de ausência de sentido para a vida e para a história. (SANTOS, 1997, p. 58). Se isso não bastasse, é mister compreender que mesmo estando em tempos de globalização, ainda existem grupos que vivem em outro ritmo, em outro tempo, ou seja, globalização

não significa que todos os grupos humanos estejam vivendo da mesma forma. Ainda existem, nas partes do mundo mais afastadas dos grandes centros urbanos, pessoas que vivem com pouca ou nenhuma tecnologia atual e de acordo com as permanências e recriações dos costumes e crenças de seus antepassados (VICENTINO, 2010, p.27).

Esta diferença de acesso à tecnologia e a ciência impede que o conhecimento seja validado integralmente, fazendo com que mesmo no mundo da tecnociência, a sensação nos indivíduos seja de desordem e descrença, para não falar de desencanto. Santos (1997, p.108) expõe que “é como se a lógica e a imaginação humana falhassem ao representar a realidade, e alguma coisa estivesse se esvaziando, zerando”. Conforme complementa, a humanidade chegou a um nível de niilismo onde a vida, em todas suas esferas, perdeu o sentido. Santos (1997) ainda pondera que quem melhor expressa esta “filosofia” é o movimento denominado pós-modernista:

O pós-modernismo ameaça encarnar hoje estilos de vida e de filosofia nos quais viceja uma ideia tida como arqui-sinistra: o *niilismo*, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida [...] o homem pós-moderno já sabe que não existe céu, nem sentido para história, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo (SANTOS, 1997, p. 10).

Corralo (2010) complementa esta ideia afirmando que o cenário em que a humanidade se encontra é obscuro, imerso em incertezas e ambiguidades, e com prognósticos de um futuro cada vez mais imprevisível, onde “a única certeza é da imutabilidade da mudança, em intensidade e proporções jamais vistas e apreendidas na história da civilização” (CORRALO, 2010, p.42).

Essas previsões são reforçadas quando analisadas as afirmações de Lipovetsky (2004, p. 54), o qual vislumbra que cada vez mais o estado democrático recua, enquanto tanto a religião quanto a família se privatizam, e o mercado econômico se impõe (trazendo consigo a

concorrência e a ambição técnica), diminuindo os direitos essenciais dos indivíduos. Com consequência, como que encantado pelas próprias criações, o ser humano revive Narciso e entrega-se ao fetiche: politicamente alienado e economicamente calculado pelo mercado (tanto em relação ao seu tempo como ao seu espaço), se encontra descrente e desprovido de protagonismo.

Desta forma o “desencanto” e a “desordem” se fazem consequências de um momento histórico onde a velocidade das rupturas relativiza tudo, dando espaço ao descrédito sobre aquilo que deve ser assimilado ou não, ou aquilo que deve ser praticado ou não (DEBORD, 1997).

### **O indivíduo a ser formado**

Diante de tal sociedade complexa, educadores de todas as séries - Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio - enfrentam situações também complexas em relação às condições de ensino-aprendizagem nas escolas. Os educandos também não são “mais os mesmos” de outrora, eles também recebem as cargas desta sociedade célere e ambivalente em momentos em que estão em plena formação de personalidade.

Nesta parte do trabalho pretendo expor um pouco sobre a constituição dos educandos e como recebem esta carga cultural, tendo como parâmetro sua formação moral e as bases que deveriam respaldá-los na constituição de sua identidade, buscando assim encaminhar uma reflexão mais clara sobre quais são os desafios que se colocam frente aos novos educadores na contemporaneidade.

Neste caminho, para compreender melhor o processo de formação da identidade, opto por embasar-me em dois autores: Piaget e Kohlberg. Em Piaget (apud LIMA, 2007), tem-se a compreensão da apropriação de saberes por parte dos educandos em cada idade, onde destacaria que em cada uma destas faixas os mesmos dependem de laços de reciprocidade e cooperação para se desenvolver, seja por parte da família, seja por parte da sociedade (escola).

Em Kohlberg (apud FINI, 1991), é possível compreender o desenvolvimento moral dos educandos em cada idade, sendo que, da mesma maneira em cada etapa de formação de sua personalidade são dependentes de parâmetros e referências. Por isso, frequentemente adotam os padrões morais dos pais, buscando a opinião deles do que é ser “bom” indivíduo, ou seja, buscam referências para constituírem-se como indivíduos.

Assim, é possível perceber que a formação do caráter e dos princípios de autoconfiança que influenciam diretamente na relação educador-educando, da mesma forma

na relação ensino-aprendizagem, necessitam inteiramente da construção de boas referências, em primeiro momento na família e, posteriormente, na sociedade.

Entretanto, como foi possível perceber na primeira parte deste trabalho, ao contrário disso, é possível prever que atualmente nem a família e nem a sociedade conseguem colocar-se como referências. As relações familiares atuais convivem com duração relativa e uma crise de autoridade acentuada pelo aumento dos divórcios, das separações e das recomposições, crise esta que influencia diretamente os educandos ao empurrá-los em uma crise de referências autobiográficas, o que “respinga” nas salas de aula, visto que, como menciona Renaut (2004), se outrora a família conseguia transmitir a autoridade do seu núcleo para a escola e conseqüentemente para o educador, agora, em crise, é incapaz de transmitir esta autoridade bem como de constituir-se como referência, o que dificulta ainda mais o papel do educador.

Da mesma forma, as relações éticas e as relações políticas não constituem-se mais como referências para os educandos. Para Bauman (2005, p. 84) “os poderes de estado não podem fazer quase nada para aplacar a incerteza, muito menos para eliminá-la”. O Estado perdeu força e poder para instituições laterais e para si mesmo devido a corrupção impregnada em seu meio. Tal corrupção enfraquece a democracia e a organização social e contribui para um mundo do “cada um para si”.

Também os materiais didáticos estão defasados. Como pode-se perceber em Melo (2004), os livros didáticos atualmente possuem funções que vão além da simples educação: eles buscam impulsionar para uma cultura global e neoliberal - afastando-se da reflexão para tender a processos de adaptação e aproximando-se muito do que Theodor Adorno “profetizava” como processos de Semiformação – e dificultam a tarefa de constituição de identidades autênticas e críticas.

Em resumo, os novos educadores precisam vislumbrar uma educação para uma porcentagem significativa de indivíduos niilistas, alienados e intelectualmente despreparados, bem como desprovidos de protagonismo e entregues ao extremismo por sua falta de convivência com referências familiares e sociais, sem ou com mínimas bases de autoconhecimento e autorrespeito, precisando encaminhá-los para situações de autorrealização.

## **A universidade e os desafios da formação de educadores**

Situações como estas requerem dos novos educadores preparação, maturidade, domínio de si, domínio de didáticas de ensino e de teorias, mas, requerem principalmente uma capacidade hermenêutica que lhes possibilite leitura de mundo e de realidade, projetando assim a antecipação a problemas de ensino-aprendizagem que podem surgir diante da realidade de cada educando. Nesta última parte do trabalho pretendo fazer uma breve reflexão, juntando a sociedade complexa atual e as dificuldades formação da identidade dos educandos, para tentar demonstrar possíveis apontamentos à formação de educadores na atualidade.

Sendo assim, é importante recordar que nas duas primeiras partes deste trabalho buscou-se demonstrar que todas as sociedades em suas relações são complexas, contudo, a sociedade atual diferencia-se das demais por demonstrar uma celeridade em relação as rupturas que ainda não havia ocorrido em outras épocas com tal intensidade. Esta celeridade de rupturas, somado a uma série de outros fatores, colocaram várias estruturas da sociedade em colapso, o que deixa os indivíduos desprovidos de referências para a constituição de sua autorrealização e autoconfiança.

Diante de tais fatos, crianças, jovens e adolescentes crescem e se desenvolvem sem ter acesso a mínimas bases de formação e constituição de seu ser. Com isso, sobrecarregam a escola, a qual, já se vê pressionada por um sistema econômico dominante que prima por resultados quantitativos ante os qualitativos e ainda sofre com o despreparo de seus gestores e educadores, os quais não conseguem compreender e enfrentar as novas situações.

É grande a porcentagem de gestores e educadores que carecem de um olhar crítico e hermenêutico, sendo capazes de refletir e vislumbrar possibilidades frente aos desafios de educar diante dos novos fatos sociais que se determinam pelas características da sociedade contemporânea. Problema este, que está ligado a questionável formação dos educadores.

Aqui retoma-se o que foi abordado na introdução deste trabalho: de um lado o Estado insistindo que a formação de educadores não tem “práticas de ensino” suficientes, por isso, deseja aumentar o tempo das disciplinas práticas e dos estágios; de outro, as universidades tentando demonstrar que o que falta é justamente mais preparação teórica para a prática, mas, deixam de dar atenção maior para preparação teórica sobre a prática, e aí encontra-se um problema.

Há algum tempo as universidades formadoras de educadores vem diminuindo as disciplinas hermenêuticas (como Filosofia da educação, Sociologia da educação, Psicologia

da Educação) e, quando ministradas, nem sempre recebem a importância devida, tanto que, em muitas universidades estas disciplinas são consideradas “caça-níquel” pelos acadêmicos, dado o desmerecimento que sofrem.

Contudo, são justamente disciplinas com estas características que podem possibilitar o avanço<sup>4</sup> ou, a recuperação da ação dos educadores na sociedade contemporânea. Disciplinas que possibilitem uma leitura hermenêutica da sociedade e dos educandos, que permitam aos educadores compreender o que é formação e como ela pode ser conduzida frente aos novos desafios. Enfim, que permitam a formação de educadores reflexivos, visto que, como menciona Schön (2000) ou como sintetiza Celani (2003, p.26-27):

“...a visão [...] de reflexão, ‘na ação’ e ‘sobre a ação’, oferece um arcabouço útil para se explorar as possibilidades de transformações nas representações dos professores relativas a ensinar e aprender... pois está orientado para a solução de problemas e a criação de hipóteses. A reflexão, no contexto educacional envolve a substituição do conhecimento pedagógico por perguntas que decorrem da prática pedagógica. Esta é também a visão de construção de conhecimento de Freire: um conjunto de reflexões recriadas à luz e perguntas e discussões a fim de ‘iluminar a realidade’... O processo reflexivo não acontece sozinho. É, na verdade um trabalho ativo, consciente que pressupõe, esforço, vontade e que tem lugar quando condições são criadas para isso...”

Assim, uma retomada da formação de bons educadores passa, certamente, pela retomada das disciplinas hermenêuticas e reflexivas. O aumento da carga horária destas, ocasionando o aumento da reflexão sobre a ação dos educadores, representará a possibilidade de análise qualificada dos novos nuances que se colocam sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Sem a capacidade de perceber o que significa realmente formação, e sem a capacidade de refletir se as ações desenvolvidas na sala de aula são ações formativas, não haverá possibilidade de enfrentamento dos novos educadores. Da mesma maneira é necessário que desenvolva a capacidade de desvelar o sentido político de suas ações de educador, para que não se torne simplesmente um reproduzidor e perpetuador do *Status Quo*, mas sim, que possa permitir possibilidades de mudança quando necessário (SAVIANI, 2000).

---

<sup>4</sup> Duas questões são importantes analisar nesta colocação: 1) Não é “fórmula do sucesso” colocar estas disciplinas no currículo dos cursos, sem que haja um real interesse pela construção de professores reflexivos. As disciplinas precisam estar direcionadas para este objetivo e os formadores cientes de que devem buscar formar educadores com estas características; 2) Também é errôneo pensar que “o que vale é a intenção” e, desta forma, imaginar que é possível que qualquer educador, de qualquer área, possa desenvolver com a mesma autoridade intelectual os pressupostos necessários para a construção da reflexividade. O Ensino Médio do Rio Grande do Sul usou deste mesmo pensamento em relação a disciplinas como Filosofia e Sociologia por algum tempo e os resultados foram decepcionantes. Assim, é preciso respeitar as áreas e suas características, não desprezando o saber interdisciplinar dos demais educadores, mas, estando ciente de suas limitações interculturais e científicas.

Enfim, é preciso constituir os educadores como indivíduos seguros de si, capazes de governar a si mesmos. Indivíduos que saibam ler o mundo criticamente e decodificá-lo as novas gerações, tornando-se referências para educandos, não deixando-os entregues a si mesmos para renovar o mundo em um momento onde não estão ainda aptos para tal função. (ARENDR, 1972.)

### **Considerações finais**

É possível perceber que, diante de uma época em que a sociedade traz em sua complexidade a velocidade das rupturas que relativiza tudo e aponta para o “desencanto” e a “desordem”, as bases formadoras do indivíduo como a ética, a política, a religião e a própria família encontram-se desestruturadas e não conseguem servir de referência para as novas gerações.

Desta maneira a escola se vê sobrecarregada, tendo que enfrentar – além das diretrizes mercadológicas de quantificação – novos desafios relacionados ao processo de ensino aprendizagem. Afinal: como educar as novas gerações em meio a tantos problemas? A fonte de resposta inicial a esta questão, que deveria estar ancorada nos próprios educadores e nas análises de suas práticas cotidianas, se encontra ofuscado pela própria dificuldade que os educadores tem de representar a si mesmos e ao mundo em que vivem.

Diante de tal constatação, é mister perceber que cabe a Universidade preocupar-se com a formação de indivíduos reflexivos e hermenêuticos, e não somente didáticos. Cabe a entidade formadora, conduzir os novos educadores para a compreensão do verdadeiro significado de formação, bem como, para o domínio de conceitos e conhecimentos imprescindíveis ao processo de educar, para que assim a formação volte a ser um processo de desvelamento do ser e sua potencialização integral, qualitativa e não somente quantitativa.

Da mesma maneira, que os novos educadores sejam capazes de desvelar o projeto político econômico que representam ao educar, para que não sejam apenas reprodutores de sistemas, antes sim, para que possam transformar-se em artesãos da formação, capazes de permitir a expressão do melhor que cada educando possa desenvolver, sendo assim, impulsionadores de uma nova geração que seja capaz de renovar o mundo e suas perspectivas.

## Referências

- ARENDRT, Hannah. **A crise na educação: III e IV.** Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CELANI, M. A. A. **Professores Formadores em Mudança: Relato de um processo de reflexão da prática docente.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CORRALO, Giovani da Silva. **Discursos sobre ética na pós-modernidade: reflexões interdisciplinares sobre o comportamento humano, liderança e política no séc. XXI.** Passo Fundo: Passografic, 2010.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FINI, Lucila Diehl T. **Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg.** Revista Perspectiva, Florianópolis, 9(16):58-78, Jan/Dez. 1991.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica: alternativas de mudança.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2009.
- KAPLAN, E. Ann (Coord.). **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- LIMA, Adriana F. S. O. **Pré-escola e alfabetização: uma proposta em P. Freire e J. Piaget.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos.** Tradução Mario Vilela. São Paulo: Editora Barcarrola, 2004.
- MELO, Adriana Almeida Sales de. **A mundialização da educação: consolidação do projeto neoliberal na América Latina. Brasil e Venezuela.** EDUFAL: Maceió, 2004.
- MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo.** In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (Org). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs. 1999.
- RENAUT, Alain. **O fim da autoridade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 7.ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- SCHÖN, Donald A.. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VICENTINO, Cláudio. **História geral e do Brasil**. 1ªed. São Paulo: Scipione, 2010.